

DUALIDADE EDUCACIONAL, RELAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA E FORMAÇÃO POLITÉCNICA: onde essas realidades se encontram no mundo do trabalho?

Luiz Gustavo da Silva Bispo Andrade

Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Sergipe
luiz.gustavosb2016@gmail.com

Lucas Antônio Feitosa de Jesus

Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Sergipe
l.a.f.j@hotmail.com

Juliane dos Santos Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
julianesantos.ufs@gmail.com

José Espínola da Silva Júnior Doutor e Mestre em Engenharia Mecânica pela
Universidade Federal da Paraíba;
espinola.junior@ifs.edu.br

*“Não há nenhuma atividade humana da
qual se possa excluir qualquer
intervenção intelectual, o Homo faber
não pode ser separado do Homo Sapiens”.*
(Gramsci)

RESUMO

Este artigo versa sobre a relação entre a dualidade que marca o processo educacional brasileiro, a dicotomia teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem e a formação politécnica, bem como, as consequências dessa cisão no mundo do trabalho. Pautou-se numa pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se fazer a articulação das ideias a partir de autores que tratam da Educação Profissional e Tecnológica e de suas bases conceituais, do trabalho como princípio educativo e da formação integral dos indivíduos, tais como, Barato (2008), Ciavatta (2005, 2010), Frigotto (2005, 2010), Ramos (2005, 2010, 2017), Gramsci (2006), Manacorda (1990), Marx (1968), Moura, Lima Filho e Silva (2015) e Saviani (1989, 2007). As considerações finais evidenciam que mesmo em meio ao cenário educacional vigente, marcado pela dualidade, que por sua vez influencia a relação teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem, atrelado às distorções na compreensão da educação politécnica, não se pode perder de vista a importância da luta pela autonomia intelectual e formação politécnica.

Palavras-chave: Educação profissional; dualidade educacional; relações teórico-práticas; formação politécnica.

ABSTRACT

This article is about the relationship between the duality that characterizes Brazilian educational process, the theory and practice dichotomy in the teaching-learning process and the polytechnic qualification as well as the consequences of such splitting in the job market world. Such work was based on a bibliographical research which allowed discussion of ideas according to authors who are concerned with Professional and Technological Education and their work concept basis as an educational principle and individuals' full development, such as Barato (2008), Ciavatta (2005, 2010), Frigotto (2005, 2010), Ramos (2005, 2010, 2017), Gramsci (2006), Manacorda (1990), Marx (1968), Moura, Lima Filho e Silva (2015) and Saviani (1989, 2007). Final considerations make clear that even with the educational scenario nowadays, tagged by duality that influences the theory-practice relationship in the teaching-learning process, and the different ideas in understanding the Polytechnic Education, the importance of struggling for an intellectual autonomy and polytechnic qualification cannot be overlooked.

Keywords: Professional Education; Educational Duality; Theory-practice relationship; Polytechnic Qualification.

INTRODUÇÃO

O artigo em questão fez parte do programa de atividades da disciplina Bases Conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS). Objetivou-se compreender acerca da dualidade educacional, relação teórico-prática e formação politécnica, temas amplamente discutidos e defendidos por estudiosos brasileiros como Barato (2008), Ciavatta (2005, 2010), Frigotto (2005, 2010), Ramos (2005, 2010, 2017), Moura, Lima Filho e Silva (2015) e Saviani (1989, 2007), que por sua vez trabalham na perspectiva de uma formação *omnilateral*¹, na luta pela superação da educação unilateral, caracterizada majoritariamente pela sociedade capitalista, presente também nos sistemas de ensino.

Discutiremos nesse artigo, ao tratar de dualidade educacional, relação teoria e prática e politécnica, sobre a defesa do trabalho como princípio educativo (articulando trabalho, ciência, cultura e tecnologia) a partir da visão dos autores citados. Esperamos que tais proposições possam ajudar inicialmente na reflexão e, por conseguinte, no despertar de um processo de autonomia do ser humano em geral, especialmente dos estudantes e trabalhadores.

Realizou-se revisão de literatura sobre a temática, bem como pesquisas em sítios da internet. O artigo organiza-se da seguinte forma: o primeiro item, *a educação*

¹ Formação do ser humano de forma integral: física, mental, cultural, política, científico-tecnológica.

profissional no Brasil tratou sucintamente da divisão de classes gerada pela divisão na educação a partir da discriminação da oferta entre trabalhadores e burguesia; no segundo, *superação da dualidade educacional e da formação mercadológica* traz aspectos que alertam sobre a necessidade de vincular trabalho e educação, no sentido de superar a educação voltada apenas para a formação de mão-de-obra; o terceiro item, *seguindo para transformação social*, revela que a mudança começa em nós, a partir da nossa ação.

2 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

A Educação Profissional e Tecnológica prioriza uma formação integral, *omnilateral* e politécnica, pautada na união entre ciência, trabalho, cultura e tecnologia (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2005). Em sentido geral, pensa-se numa educação na qual os indivíduos sejam críticos, autônomos e protagonistas, no sentido de “[...] garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito de uma formação completa para leitura do mundo e para a atuação como cidadão” (CIAVATTA, 2010, p.85).

A educação brasileira é historicamente marcada pela dualidade em sua oferta de ensino. A formação propedêutica sempre foi direcionada para a classe burguesa, promovendo a sua intelectualização e autonomia, enquanto a educação profissionalizante era indicada para a classe trabalhadora, de certa forma, desprovida financeiramente, estigmatizando-a ainda mais, tentando conformá-la que sua rudeza não lhes permitiria mudar de posição social.

[...] a divisão social e técnica do trabalho constitui-se como estratégia fundamental do modo de produção capitalista, fazendo com que seu metabolismo requeira um sistema educacional classista e que, assim, separe trabalho intelectual e trabalho manual, trabalho simples e trabalho complexo, cultura geral e cultura técnica, ou seja, uma escola que forma seres humanos unilaterais, mutilados, tanto das classes dirigentes, como as subalternizadas. É claro que isso não ocorre de forma mecânica, mas em uma relação dialética em razão das forças que estão em disputa e que, em alguma medida, freiam parte da ganância do capital (MOURA, LIMA FILHO E SILVA, 2015, p. 1059).

Direcionar o ensino profissionalizante aos menos favorecidos, tinha como objetivo principal que continuassem sujeitos unilaterais, formados em uma cultura exclusivamente técnica e mutilada, sem haver a ampliação adequada dos seus níveis de conhecimento teórico. Aplicou-se aqui, propositadamente, uma estratégia de subordinação.

Para alcançar uma Educação Profissional e Tecnológica que forme o discente de modo integral, unindo trabalho, tecnologia, ciência e cultura é preciso alterar o cenário pré-estabelecido no Brasil. Ciavatta (2010, p. 94) complementa:

A formação integrada entre o ensino geral e a educação profissional ou técnica (educação politécnica ou, talvez, tecnológica) exige que se busquem os alicerces do pensamento e da produção da vida além das práticas de educação profissional e das teorias da educação propedêutica que treinam para o vestibular. Ambas são práticas operacionais e mecanicistas, e não de formação humana no sentido pleno.

Primeiramente, é preciso trazer novos conceitos no sentido de tornar o discente um agente ativo de sua aprendizagem, tendo que para isso, formar o professor na adoção de métodos que promovam essa autonomia discente. O artigo 36 da LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que versa sobre a organização curricular, orienta que o currículo do ensino médio adote metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes. Dessa forma, temos a interpretação que a escola é o lugar da autonomia e protagonismo estudantil.

Atrelada a essa dualidade educacional, tem-se a dicotomia teoria e prática, que orienta que a primeira seja submissa à segunda, ou seja, considera que a teoria é superior à prática, tornando a última inteligível. Em muitos casos cria-se uma distância entre elas, promovendo um ensino exclusivamente propedêutico, preocupado apenas com o cumprimento de uma gama de conteúdo, sem vinculá-los ao cotidiano do alunado e às práticas necessárias ao seu dia a dia. Esse apartamento entre teoria e prática pode ser visto desde os anos iniciais do ensino básico, quando essa separação é bem latente. Nessa etapa de ensino, se tem uma grande dificuldade em envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem, sem que teoria e prática se mostrem como duas realidades totalmente distintas.

Não é incomum ouvir a seguinte expressão: “é preciso explicitar os fundamentos teóricos da prática”. Quem a diz ou ouve geralmente não mostra qualquer estranheza. Aceita-a como descrição correta de uma relação entre duas instâncias completamente distintas. E mais, julga que há uma subordinação da última à primeira. Eventos de ensino são organizados com base em tal relação, sempre prevendo aulas teóricas antes das aulas práticas que fundamentam (BARATO, 2008, p. 7).

Essa dicotomia é reforçada principalmente quando não se pode iniciar os estudos com a aula prática, sem antes passar pela teoria, tornando-a extremamente necessária antes. Faz-se importante compreender como a teoria e prática de ensino estão unidas em sala de aula, sendo que as duas tem o mesmo nível de importância. Somente com

conceitos já determinados e não construídos, passados para os alunos de uma forma transmissão-assimilação; ou somente com a parte técnica, não lhes será proporcionada essa integralização, levando essa separação para o mundo do trabalho, como uma triste consequência.

Dessa forma, discute-se uma educação integral, politécnica e *omnilateral*, que em sua filosofia, garante ser capaz de formar o indivíduo em sua totalidade. A formação politécnica vislumbra uma formação completa, não se satisfazendo com uma vivência educacional fragmentada. Ela busca a autonomia dos sujeitos, criticando veementemente a perspectiva reducionista de ensino.

A *Pedagogia das Competências*, por sua vez, prioriza uma educação fragmentada, garantindo o desenvolvimento de capacidades mais simples ao trabalhador, enquanto reserva a educação que desenvolve as capacidades criativas e intelectuais para a burguesia. Se considera como Pedagogia das Competências a formação de um comportamento (flexível) que objetiva a adaptação no processo de trabalho e na sociedade. O foco deixa ser os conteúdos das diversas áreas do conhecimento, priorizando o desenvolvimento de determinadas habilidades, que buscam majoritariamente a produtividade (KUENZER, 2002). Contrário a ela, a formação politécnica objetiva ajudar o sujeito a entender o mundo do trabalho e a sociedade atual, desenvolvendo sua criatividade e autonomia.

3 SUPERAÇÃO DA DUALIDADE EDUCACIONAL E DA FORMAÇÃO MERCADOLÓGICA

A dualidade do ensino tem sua origem na antiguidade. Saviani (2007) trata disso com clareza, explicando que, com a divisão do trabalho e a apropriação das terras, gerou-se a divisão de classes. Essa bipartição acabou abrindo precedentes para modelos educacionais distintos: o propedêutico, para a burguesia, e o técnico, manual, voltado para os menos favorecidos, objetivando apenas a inserção imediata no mercado de trabalho.

A revolução industrial questiona esse modelo e tenta unificar o trabalho intelectual com o manual e “O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e o trabalho industrial, não somente na escola, mas em toda vida social” (MANACORDA, 1990, p. 240). A partir da escola unitária de Gramsci, objetiva-se trabalhar a união dessas duas vertentes, fazendo uso de um modelo pedagógico que vincule o trabalho à educação, produzindo uma formação *omnilateral*, formando intelectual e profissionalmente os indivíduos, a partir da integração entre trabalho, ciência e cultura.

Ao objetivar o entendimento sobre a separação entre os que fazem o trabalho manual e os que pensam o intelectual, Barato (2008) exemplifica uma relação entre empregador e empregado, partindo de Taylor e Schmidt. Nessa situação, o dirigente percebia o empregado como um ser dotado de experiência prática, porém, sem intelecto em suas ações, minimizando-o e retratando-o como um simples carregador de lingotes. Essa relação reforça o que se vê no cenário atual trabalhista, herdeiro de uma formação taylorista/fordista², engessando a educação profissional e técnica a uma educação simplória, destinada ao filho do trabalhador.

No exemplo citado, o fato de o trabalhador conhecer sua inteligência e capacidade, faz a diferença e mostra que o seu intelecto também está sendo usado. Para chegar à conclusão de sua obra, ele teve, por exemplo, que calcular materiais necessários, planejar, executar, entre outras ações que tornam essa obra real. *Schmidt, na época em que foi instruído por Taylor, estava construindo sua própria casa (BARATO, 2008, p. 6).* Confirma-se, então, a tese que respeita que as duas formas de conhecimento são necessárias.

Cada qual com a sua importância, teoria e prática são essenciais juntas. “Trabalho, emprego e classe social estão, em seu desenvolvimento, imbricados, e os sentidos e significados que assumem tem determinações histórico-sociais” (FRIGOTTO, 2009, p. 178), ou seja, estão sobrepostos, formando o apanhado social, produto histórico, que temos hoje na educação brasileira e no mundo do trabalho. A partir disso, entendendo que o trabalho tem seu princípio educativo, consideramos que uma educação compatível e justa para todos, deve preparar integralmente o indivíduo.

Este viés supera a educação voltada exclusivamente para a formação de mão-de-obra, em vista do favorecimento do mercado de trabalho. Uma prática bastante comum hodiernamente, é quando nos damos conta que o trabalhador passa a buscar um emprego somente para satisfazer suas necessidades materiais, nesse sentido, alimentando o capital, ainda que sem a devida intencionalidade. “Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, o trabalho, na sua dimensão ontológica, é reduzido a emprego - uma

² “O Taylorismo/Fordismo tem como ideia básica de modelo educacional uma prática profissional que consiste na solução instrumental de problemas, mediante a aplicação de um conhecimento técnico e teórico, previamente disponível, procedente de algumas matrizes teóricas produzidas em um contexto histórico favorável à sua organização na sociedade capitalista. É Instrumental porque supõe que a aplicação de procedimentos e técnicas, por sua “capacidade própria” consegue os efeitos desejados”. (NETO, 2006, p. 14)

quantidade de tempo vendida ou trocada por alguma forma de pagamento. ” (FRIGOTTO, 2009, p. 176).

N’O capital, temos a seguinte afirmação:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza... põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 1968, p. 202).

Partindo da explicação desses autores, entendemos que a escola dual, em seu caráter meramente utilitarista, está preocupada apenas com uma formação fragmentada, ou seja, não possui a intenção em formar o homem: físico e intelectualmente, vinculando trabalho manual e intelectual, corpo e mente; gerando assim antagonismos no mundo do trabalho.

Nesse sentido “[...] a sociedade capitalista desenvolveu mecanismos através dos quais ela procura expropriar o conhecimento dos trabalhadores e sistematizar, elaborar esses conhecimentos, e os devolver na forma parcelada” (SAVIANI, 1989, p.13). Podemos trazer à memória o exemplo do taylorismo/fordismo, que evidencia essa forma de conceder conhecimento aos trabalhadores, com o mínimo de saber possível.

A consequência disso é a conformação do trabalhador, entendendo que será sempre submisso, e como afirma Marx, não é o dono do seu trabalho material, sendo esta superação o seu objetivo político. Marx afirma que o processo de produção domina os homens. O processo de libertação de suas amarras é essencial para a construção de uma sociabilidade para além do capital, visto que, “a figura do processo social da vida, isto é, do processo da produção material, apenas se desprenderá do seu místico véu nebuloso quando, como produto de homens livremente socializados, quando ela ficar sob seu controle consciente e planejado” (MARX, 1968, p.75).

A partir de tais questões, Saviani (2007) traz a concepção de que trabalho e educação são elementos indissociáveis, afirmando que o trabalho é inerente ao ser do homem. Dessa forma, podemos entender que a junção entre educação e trabalho faz parte da formação de identidade do homem. Para ele, trabalhar e educar são características humanas, ou seja, o homem pode fazer as duas coisas concomitantemente.

Assim, trabalho e educação, saber técnico e saber teórico, jamais deveriam ter essa separação promovida, visto que se “postula que o processo de trabalho desenvolva, numa

unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. [...] Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual” (SAVIANI, 1989, p. 14-15). O trabalho do homem é guiado por objetivos, sendo que estes produzem a sua existência, transformando a natureza pelo seu trabalho.

Com essa visão, ele pretende superar a velha dicotomia entre teoria e prática, que gera, por sua vez, o trabalho manual e o intelectual, e numa sequência, a instrução geral e a parcial.

4 SEGUINDO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A escola atual, que deveria seguir um caminho de unificação, orienta os seus membros a partir do que determina a divisão de classes, gerando já no ambiente escolar, por conseguinte, num futuro próximo, a divisão social dos trabalhadores. Temos de um lado os dominadores burgueses, indicados às escolas que visam uma formação propedêutica, e os dominados, destinados a uma formação útil e que atenda de imediato o interesse mercadológico. E estes, são os pobres, na maioria absoluta, filhos dos trabalhadores.

Quando se pensou na educação brasileira, na divisão da escola profissional e na escola convencional, já se reforçava a divisão de classes e os destinos de cada um dos seus envolvidos, e colhemos os frutos até hoje. Como afirma Frigotto (2009), com o desenvolvimento capitalista na linguagem marxista, prevaleceu a divisão binária entre burguesia e proletariado.

Com o capitalismo, o conhecimento se torna força produtiva, logo, meio de produção. Considerando que os trabalhadores não podem ser totalmente excluídos do conhecimento, eles não são totalmente privados, e recebendo, ainda que em doses homeopáticas, acabam gerando valor ao capital, sendo interessante para este último. “Com gastos muito pequenos, o Estado pode facilitar, encorajar e até mesmo impor a quase toda a população a necessidade de aprender os pontos essenciais da educação, isto é, ler, escrever e calcular” (SMITH, 1996, p. 246).

O conhecimento ainda é passado ao trabalhador, porém, de forma fragmentada, sendo essa a concepção burguesa de ensino profissionalizante, especializando o trabalhador, ao invés de lhes oferecer uma formação *omnilateral*, integrada e politécnica.

Ao retornar ao par dicotômico teoria e prática, Saviani alarga as fronteiras para o nosso entendimento, quando diz que um ensino politécnico “se encaminha na direção da

superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral”. (SAVIANI, 1989, p. 13). Não se pode desconsiderar o valor filosófico e ontológico desse casamento, mas, entender que ambos devem andar juntos, e como afirma Barato (2008), “saber como” (saber técnico) e “saber que” (saber teórico), numa relação que aprimore a educação, dirimindo a ideia de teoria superior ao conhecimento prático, e vice e versa.

Manacorda reforça essa premissa quando diz que “existe em qualquer trabalho físico, inclusive no mais mecânico e degradado, um mínimo de qualificação técnica, isto é um mínimo de atividade intelectual criativa” (MANACORDA, 1990, p. 151). O autor afirma ainda que todos os homens são intelectuais, e a natureza do trabalho, seja em serviço prático ou teorizado, será sempre um trabalho intelectualizado. Ele conclui que a valorização de uma profissão em detrimento de outra se dará pelas próprias relações sociais, não se medindo pela natureza do trabalho.

Diante do exposto, tem-se um enorme desafio para a educação brasileira: unificá-la. Para o entendimento do que seria essa união:

A crise terá certamente uma solução que em termos racionais deveria ter esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanística, com justo equilíbrio entre capacidade de operar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e a capacidade de pensar, de operar intelectualmente. (MANACORDA, 1990, p. 154).

Cabe aos governantes, gestores escolares, e principalmente aos trabalhadores, estudantes e pesquisadores, buscar a igualdade educacional, minimizando as estratificações sociais tão latentes no Brasil, advindas historicamente dessa dualidade estrutural do ensino. A intencionalidade de educação *omnilateral* e politécnica existe, porém, ela só será possível em sua aplicação plena, no futuro, estando ainda para chegar à sociedade hodierna. Dando poder ao trabalhador e resgatando os direitos perdidos historicamente, será possível balizar a classe dominante ao trabalhador, chegar a utopia de uma educação inteira, ofertando uma formação justa, igualitária e sem precarizações para todos, sem nenhum tipo de distinção, e sobretudo, sem uma inclusão excludente, aquela que, através da oferta de certas “oportunidades”, pode trazer a falsa ideia de igualdade educacional.

Enfim, quando houver a igualdade de poderes, na qual o menos favorecido seja o detentor do seu conteúdo de trabalho e quando houver a possibilidade de transformações radicais que alterem a força do sistema capitalista, veremos o trabalho como princípio

educativo, sendo o conhecimento acessível a todos. Enquanto isso, podemos pensar com Saviani:

Às vezes temos a tendência a uma certa visão idealista, de acreditar que primeiro é preciso mudar a mentalidade, primeiro ter consciência da coisa, para depois agir. Ora, é preciso criar determinadas estruturas concretas, que de alguma forma direcionem essa transformação, pois a própria mentalidade se transforma nesse contato prático. (SAVIANI, 2007, pág. 32).

Apesar das contradições no cenário atual brasileiro, no que tange a valorização do lucro e subordinação dos sujeitos, bem como de projetos políticos que não enaltecem o crescimento do trabalhador, no sentido de promoção social e de poder, é possível pensar e agir em vista de um futuro diferenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou evidenciar a relação entre a dualidade que marca o processo educacional brasileiro, a dicotomia teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem e politécnica, bem como, as consequências dessa cisão no mundo do trabalho.

A educação está atrelada ao modelo de sociedade vigente, e sendo esse um modelo capitalista, é instigada a promoção da divisão de classes desde o contexto escolar. A dualidade entre ensino médio propedêutico e profissionalizante estabelecido trata-se de uma herança histórica que distingue educação para os trabalhadores e a educação para os ingressantes no nível superior. A tentativa de sua superação orientou as inúmeras propostas curriculares para o nível médio, a partir da LDB 4024/61, LDB 5692/72 e LDB 9394/96, mostrando que a dualidade educação e trabalho constitui ainda um enorme desafio do nosso sistema educacional.

A escola, ao se propor politécnica, automaticamente passa a vivenciar o trabalho como princípio educativo, buscando, por conseguinte, articular teoria e prática, desfazendo-se da dicotomia entre trabalho manual e intelectual. Partindo disso, remata-se a ideia de separação entre cursos teóricos e cursos práticos, justamente por considerar que as duas (teoria e prática) devem caminhar juntas, não havendo espaço para a separação entre ensino propedêutico e ensino profissionalizante, mas, abrindo espaço para a escola unitária (Gramsci, 2006). Não há lógica para escola que se diferencia em vista de classes sociais, precisando haver, a partir de um processo contra hegemônico, a superação da sociedade de classes.

REFERÊNCIAS

- BARATO, Jarbas Novelino. Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a Educação Profissional. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, v.34, n. 3, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, DF, 1961.
- BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1971.
- BRASIL. **Lei nº 9394**, de 23 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1993.
- CIAVATTA, Maria. **A formação integrada**: a escola e o trabalho como lugares de memória. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (org.). Ensino Médio Integrado: Concepções e contradições. São Paulo, Cortez, 2010.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009
- _____; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino Médio Integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortes, 2005. 175 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. Rio de Janeiro, **Boletim Técnico do SENAC**, v. 28, n.2, maio/ago., 2002.
- MANACORDA, Mário Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- MARX, Karl. **O capital**. Livro 1, O processo de produção do capital. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- NETO, Afonso Cavaleiro. **A escola como expressão e resposta às exigências dos modelos de produção do capital**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Paraná, p. 14. 2006
- MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. v. 20 n. 63 out.-dez. 2015
- SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.
- _____. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan./abr. 2007
- SMITH, Adam. **A riqueza das nações** (v. 2). São Paulo: Nova Cultural, 1996.